

# Salvar os peixes ameaçados ainda é possível

por Enrique Pinto-Coelho, Publicado em 20 de Agosto de 2009

**Uma discussão científica deu origem a um estudo "revolucionário" sobre o estado das pescas no mundo. Há luz ao fundo do túnel**

Fotografia



Pescar e comer produtos do mar são dois dos prazeres mais antigos da humanidade, mas a sobreexploração dos recursos marinhos vivos nas últimas décadas está a pôr em risco o futuro do sector. Entre 1950 e 2003, quase um terço das capturas do planeta ficaram praticamente esgotadas (menos de 10% da população original) e um relatório de 2006 prognosticava o fim de todas as espécies comerciais em 2048. Hoje as reservas mundiais de peixe selvagem continuam a diminuir, mas também há luzes ao fundo do túnel. Um novo estudo internacional redigido por uma equipa de 15 investigadores mostra que 63% das reservas pesqueiras ainda estão em perigo, mas também que há medidas eficazes que evitam a desapareição definitiva. "Em todas as regiões do mundo continuamos a observar uma tendência problemática para a exaustão das reservas", escreve Boris Worm, da universidade canadiana de Dalhousie. "Mas este documento revela que os nossos oceanos não são uma causa perdida. O resultado encorajador é que a taxa de exploração, o indicador definitivo no que toca a redução e colapso, está a diminuir em metade dos dez sistemas que examinámos. Isso significa que a gestão nessas áreas está a criar as condições para a recuperação ecológica e económica. É só um começo, mas dá-me esperança e indica que podemos controlar a sobreexploração das pescas."

**Efeito perverso.** De todas as reservas pesqueiras analisadas no estudo, as do Alasca e da Nova Zelândia são as que melhor estão a recuperar. Também há progressos em zonas que registaram capturas excessivas no passado, como a costa da Califórnia, o Nordeste dos Estados Unidos, o Canadá e a Islândia (ver infografia ao lado). "Alguns dos esforços de reconstrução mais espetaculares envolveram experiências arrojadas em áreas fechadas, restrições técnicas e humanas e novas abordagens na distribuição das capturas e no cumprimento da lei", garantem os autores, que no entanto alertam para as limitações do trabalho desenvolvido ao longo dos últimos dois anos.

A análise abrange menos de um quarto das reservas mundiais, e as zonas onde a pesca é moderada e a recuperação começa a notar-se são reduzidas. Em muitos casos, a fiscalização mais apertada tem um efeito perverso: os pescadores deslocam-se a países com leis mais permissivas onde continuam a desfalcar os mares. Muitos governos africanos, por exemplo, estão a vender direitos de pesca a países desenvolvidos que esgotaram as capturas domésticas.

Porém, o estudo também traz boas notícias para o continente mais pobre. Trata-se, provavelmente, de uma exceção, mas no Quênia estão a conseguir restringir, e nalguns casos eliminar, modalidades de pesca particularmente prejudiciais com resultados positivos no tamanho e na quantidade das capturas. "São êxitos locais, mas podem inspirar outros a fazer o mesmo", observa Tim McClanahan, membro da Wildlife Society do Quênia e um dos cientistas que colaboraram no estudo.

A investigação publicada na revista "Science" é fruto de uma guerra entre duas equipas científicas. No anterior estudo de Boris Worm, de 2006, o ecologista canadiano fazia previsões sombrias sobre o eventual fim da pesca selvagem em meados deste século. O norte-americano Ray Hilborn criticou a "dúbia" metodologia utilizada e concluiu que o estudo de Worm tinha "credibilidade zero".

O confronto académico motivou uma troca de emails e derivou numa colaboração entre os dois investigadores. Para estudar mais a fundo a situação da pesca mundial e depurar os dados, juntaram uma equipa de peritos internacionais.

O novo relatório cruza registos de capturas, avaliações de reservas, vistorias a arrastões e outros dados e modelos que visam ultrapassar as deficiências do trabalho anterior. "Esta é a primeira tentativa exaustiva de juntar os melhores dados relativos às capturas marinhas e as tendências nas taxas de exploração, um estudo revolucionário que permitiu aos cientistas de diferentes âmbitos chegar a um consenso sobre o estado das pescas e as acções necessárias", afirma Ana Parma, bióloga marinha do Centro Nacional Patagónico, na Argentina, e uma das co-autoras do estudo internacional.